

PENSAR COMO A MONTANHA

Exposição
25/10/2025
20/12/2025
→ Círculo Sede

Ana Frois
Catarina de Oliveira
Coletivo Esfinge Ancestral
Eduardo Mota e Tiago Martins
Gabriela Carvalho e Cunha
Hilda de Paulo
Inverso (Sonia Salcedo
e Neno del Castillo)
Nuno Silas
Pedro Gramaxo

Curadoria
Sara Antónia Matos

de Artes
Plásticas
de Coimbra



Programa Educativo

Agendamento de visitas e mediação → Círculo Sede

Mediação e convivência criativa com as escolas
28 OUT-12 DEZ, terça-sexta, 10h00-16h00
Gratuito (inclui materiais)/Agendamento*

Visitas orientadas com o público → Círculo Sede

08, 22 NOV e 13, 20 DEZ, sábados, 16h00
Mediação: Jorge Cabrera
em percurso com a exposição *TRIZ*,
no Círculo Sereia
Ponto de encontro: Círculo Sereia
Gratuito/Agendamento*

Convivência criativa com artistas → Círculo Sede

05 NOV, 11h00-13h00
Ana Frois, Coletivo Esfinge Ancestral
e Hilda de Paulo
19 NOV, 11h00-13h00
Eduardo Mota, Inverso (Sonia Salcedo
e Neno del Castillo) e Nuno Silas
05 DEZ, 14h30-16h30
Catarina de Oliveira, Maria Gabriela Carvalho
e Cunha e Pedro Gramaxo
Gratuito/Agendamento*

Laboratório de criação → Círculo Sede

Ser pedra
com Pedro Fazenda
29 NOV, 10h00-13h00 e 14h00-17h00
9 € (inclui materiais)/Inscrição*

Workshop & Experiência criativa → Círculo Sede

*O desenho como fusão entre o humano
e a natureza*
com Catarina Parente
15 NOV, 14h30-16h30
Gratuito/Inscrição*



* Inscrição obrigatória em
linktr.ee/circulodeartesplasticascoimbra

PENSAR COMO A MONTANHA

A exposição *Pensar como a montanha* resulta de uma Open Call lançada pelo Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC) e nasce da necessidade de escuta. Escutar o tempo das coisas, das pedras, dos ciclos, dos silêncios. Escutar o que não dizem as imagens e o som ensurdecedor proveniente dos múltiplos conflitos que assolam o mundo global, ferindo-o de destruição, de medo e de possíveis horizontes vindouros.

Os nove projetos selecionados para integrar a exposição no edifício Sede do CAPC, oriundos de artistas de diversas geografias, géneros e gerações, resultaram de um conjunto de propostas de grande pertinência e qualidade estética que ascenderam a mais de uma centena de candidaturas, evidenciando que as questões acerca das crises ambientais, civilizacionais e políticas que vivemos são prementes. Com obras de Ana Frois, Catarina de Oliveira, Coletivo Esfinge Ancestral, Eduardo Mota e Tiago Martins, Gabriela Carvalho e Cunha, Hilda de Paulo, Inverso (Sonia Salcedo e Neno del Castillo), Nuno Silas e Pedro Gramaxo, a exposição *Pensar como a montanha* toma de empréstimo o ensaio do silvicultor e filósofo ambiental Aldo Leopold (*«Think Like a Mountain»*, 1949) para propor aproximações conceptuais, poéticas, especulativas e sensíveis sobre a ideia de *fazer corpo* e coincidir com a espessura e o tempo da montanha, imaginando outras viabilidades de habitar um mundo em comum.

Recorrendo a diferentes suportes e meios artísticos, desde a pintura às instalações multimédia, as obras envolvem espaços e modos de disposição imersivos, remetendo metaforicamente para os diversos sedimentos, níveis, estratos e camadas das montanhas, fazendo lembrar alguns apontamentos de Alberto Carneiro, precursor da arte ecológica em Portugal. No seu manifesto de 1973, *Notas para um Manifesto de Uma Arte Ecológica*, o artista propõe que natureza e humanidade constituem um só corpo, podendo a arte ser um caminho para religar o ser humano às sensações esquecidas da terra e do tempo.

Certamente que esta ligação implica processos de contacto, de escuta, de vibração e de sedimento de tempos, aspectos que os artistas da exposição formalizam através de obras sonoras e imersivas («*Lampyris pixillum*»; «KUPALHA – Construir a ideia de corpo no presente»), mas também através de alusões formais às ideias de camada, sedimento, acumulação («Topografia psicosomática»; série «Em Umas Bandas»), à penetração na espessura da montanha e do ser («pedra-pássaro»; «Onilé, Terra Mãe»; «A Dragon that Likes To Cry»), ou ainda à ideia de leveza e de um hipotético pairar sobre a montanha («The Rise of a New Dawn»; «O Triângulo do Caminhante Solitário»).

Aquele entendimento de que humanidade e o mundo são componentes de uma só instância encontra ressonância e amplificação no pensamento do filósofo e crítico literário Timothy Morton, que no seu livro *All Art Is Ecological* (2021) radicaliza a ideia de que não existe arte separada do mundo. Para Morton, toda a arte é ecológica, ainda que não trate diretamente de questões ambientais, pois coloca-nos inevitavelmente em relação com aquilo que escapa ao nosso controlo, uma estética do desconcerto, do envolvimento, do sentir.

Pode dizer-se que as propostas que integram esta exposição vão neste sentido. Para estes artistas, a presença da terra, da montanha, da fertilidade e contaminação que ela envolve, em todos os domínios e instâncias da vida, a sedimentação e o tempo que acarreta, a sua metamorfose inerente, por vezes lenta, não são questões estritamente temáticas, são acima de tudo questões de existência, de percepção e de vida. Dito de outro modo: da possibilidade de imaginar outras vidas e outras formas de convivência mais justas e plurais.

Estes nove projetos são certamente cúmplices da ideia de que é possível sonhar «adiar o fim do mundo», ideia do líder indígena, filósofo e escritor Ailton Krenak. Desafiando o sentido convencional de humanidade, no seu livro *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (2019), Krenak lembra que o mundo não está a acabar por causa da natureza, mas porque a ideia de humankind se desligou do planeta, o projeto civilizacional rompeu

laços com a Terra, os sonhos e os outros seres. Adiar o fim do mundo, segundo ele, talvez seja voltar a sonhar coletivamente, como quem planta no escuro, e como fazem os nove artistas e coletivos selecionados para exposição.

Sara Antónia Matos, Désirée Pedro e Lisiane Mutti

ANA FROIS

«O Triângulo do Caminhante Solitário» é um objeto que pretende responder às questões colocadas pela *Open Call Pensar como a montanha*, uma especulação que se funda em três pressupostos: o triângulo, Jean-Jacques Rousseau e a escultura *Martina Franca'79*, de Mauro Staccioli.

O triângulo é a figura geométrica que ocupa o espaço interno limitado por três segmentos, cujos ângulos internos somam 180º.

O triângulo é associado, metaforicamente, a problemas de difícil resolução ou conflitos, mas também à justiça e à procura de equilíbrio.

Jean-Jacques Rousseau, filósofo do século XVIII, foi um caminhante incansável pelos trilhos das florestas. A sua filosofia política inspirou o Iluminismo e o desenvolvimento do pensamento político moderno. No *Contrato Social* (1762), argumenta que a autoridade política legítima provém do acordo coletivo entre indivíduos livres.

Os Devaneios do Caminhante Solitário é o seu último livro, publicado postumamente em 1782. O livro é organizado em dez passeios, numa descrição das suas caminhadas solitárias.

Martina Franca'79, de Mauro Staccioli, é uma escultura instalada no espaço urbano da cidade italiana de Martina Franca. Trata-se de um enorme triângulo de betão, suspenso como uma cunha, numa rua do centro da cidade. O triângulo inquieta os transeuntes ao obstruir a passagem habitual, e pela sua posição inusitada. A obra é uma presença perturbadora, que altera a percepção do uso do espaço público.

«O Triângulo do Caminhante Solitário» é concebido como um obstáculo no caminho do visitante da exposição, que se vê obrigado a contorná-lo para prosseguir. Pretende-se não tanto um momento de paragem, mas a hesitação antes de prosseguir. O Triângulo oferece duas hipóteses de passagem: uma estreita e outra que se aproxima de uma passagem convencional.

Esta obra pretende evocar os temas do caminhante e da natureza vista por ele, assim como o equilíbrio, a justiça e a igualdade dos cidadãos perante a lei, temas centrais em Rousseau e que continuam essenciais hoje.

O trabalho de Ana Frois explora a ideia de registo da passagem do tempo, aleatoriedade e erro, avançando com recurso à repetição e à elaboração. A noção de casa e espaço pessoal são também importantes no seu trabalho. Recorre ao desenho, diário visual, livros de artista e instalação.

É licenciada em Arquitetura pelo Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra (1998) e pós-graduada em Estudos Avançados em Arquitetura, Território e Memória pela mesma instituição (2005). Colaborou com o arquiteto Pedro Brígida e com o GEP-Montemor-o-Velho, coordenado pelo arquiteto Miguel Figueira.

Desde 2012, e após mais de uma década de prática da arquitetura, dedica-se às artes visuais. Participou em diversas exposições individuais e coletivas. Recentemente, expôs o seu trabalho no Solar dos Zagallos, em Almada (2024). Vive em Coimbra.

A GRADECIMENTOS

Graça Costa
Paulo Cunha (t.art)
Pedro Alves (t.art)

O Triângulo do Caminhante Solitário, 2025
Alumínio e fio de algodão

CATARINA DE OLIVEIRA

O trabalho de Catarina de Oliveira nasce do seu interesse na forma como as histórias e imagens nos confrontam com a vida e retratam o mundo com mais verdade do que a nossa apreensão da realidade. Elas capturam o visível e o invisível. Através de contos, pinturas em tecidos e outras experiências plásticas, a obra de Catarina de Oliveira torna visível e audível o que de outra forma não seria visto nem ouvido, poeticamente revelando como a vida humana está entrelaçada à não-humana, à mítica e às entidades elementais.

Olhando para a natureza não como uma fonte de recursos a serem consumidos, a artista reconhece que a natureza não é algo separado dos humanos e desrido de espírito, e cria com o seu trabalho formas e composições que abraçam temporalidades, ontologias, epistemologias e cosmologias que existam fora de modos de viver e pensar colonialistas, capitalistas, normativos, falocêntricos ou tirânicos. O trabalho de Catarina de Oliveira celebra os diferentes planos da vida e reconhece a agência e inteligência de todos os seres e não seres, sejam estes rochas, fantasmas, rios, estrelas, plantas ou animais.

As personagens presentes no seu trabalho são (fantasmas de) animais e plantas — não são nem metáforas nem personificações de humanos: a artista retrata-os respeitando a inteligência, sensibilidade e corporalidade específicas de cada um. Eles ganham vida através de um diálogo contínuo entre eles, a artista e a matéria que sustém o trabalho.

Catarina de Oliveira vive e trabalha em Lisboa. Em 2009, completou a licenciatura em Artes Plásticas no Goldsmiths College (Reino Unido), e em 2012, o mestrado em Artes Plásticas no Piet Zwart Institute (Países Baixos). Esteve recentemente em residência na Escola do Porto Santo/Porta 33, na Residency Unlimited em Nova Iorque, a convite do Atelier-Museu Júlio Pomar, e na Gasworks, em Londres, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi também artista em residência na Triangle France, no Watermill Center (Nova Iorque) e na Kunsthuis SYB (Países Baixos), entre outras. Das exposições individuais recentes, destacam-se *Areia*, na Porta 33; *Lavradas Na Lua, Com O Sol*, na Quinta do Ventozelo; *A Temperança e o Louco*, no CAV – Centro de Artes Visuais; *O Fogo Anseia Arder*, na Monitor Lisbon; *A Devorar o Contíguo*, na Galeria Quadrum; e *Né*, no TANK Art Space. Mostras coletivas recentes incluem a mostra da performance *Ao Escapar o Meu Cadáver*, no Festival Cumplicidades, na Culturgest; *Extática Esfinge*, no CIAJG; *Gorsedd*, na Art Licks; *Terra Nubilus*, na Neuer Aachener Kunstverein; *Performance Day #2: Le Musée Permormé*, em La Ferme du Buisson.

AGRADECIMENTOS
João Moreira
Matilde Corrêa Mendes

The Rise of a New Dawn I-V [série], 2025
Tecido de linho tingido com pigmentos naturais,
linha de algodão, conchas

COLETIVO ESFINGE ANCESTRAL

«Pedra-pássaro» é uma reflexão sobre o tempo antes do tempo. O tempo da pedra, que transcende a nossa existência enquanto humanidade e que, num olhar mais atento, revela o pouco óbvio: a vivacidade da matéria mineral, a sua eloquência em contar a história. É preciso atravessar essas camadas temporais e a barreira linguística deste idioma que ainda não falamos, deixando-nos seduzir e envolver pela complexidade, ancestralidade e sabedoria desses elementos que convocam uma reconexão com o uno.

A partir de um pequeno sedimento calcário, que é fórmula-índice-pedrafunda-fundamento-fundo — colhido na Chapada do Araripe, localizada no Nordeste do Brasil, lançamo-nos nessa viagem. No pequeno fragmento de mundo, sopram ventos do período Cretáceo, há cerca de 115 a 90 milhões de anos — uma escala temporal difícil de tornar tangível. «Pedra-pássaro» é um canto-rochedo sobre a vertigem e o assombro, sobre os encontros com essa temporalidade mineral ancestral da qual fazemos parte.

A instalação apresenta ampliações desse fragmento e também um livro inédito — prova de artista impressa em Salvador da Bahia de Todos os Santos (e de Todos os Tempos) em outubro de 2025 —, construído entre fluxos com Fortaleza e Lisboa, pelo Coletivo Esfinge Ancestral. Nesta leitura-escrita, seguimos na (im)possibilidade de legência de uma pequena amostra rochosa (0,00001 micrómetro), apresentada aqui em paisagens produzidas pela imensidão-extravagância das escalas ampliadas da Microscopia Eletrónica de Varrimento.

O aparente e bruto transbordamento de silêncio — na pedra e no seu espectro Egungun-Montanha — traduz a falha humana em comunicar habilmente com as suas estratificações de vastidão numa linguagem suportável que transcendia a finitude e as liminaridades da experiência.

Localizamo-nos nessa tensão incontornável da existência: o tempo prensado da pedra remete-nos, em voo asfixiante, para a faceta grandiosa e misteriosa onde somos cosmo, fragmento e folha da vida.

O Esfinge Coletivo Ancestral surgiu em 2018 a partir do encontro de artistas brasileiros reunidos em Coimbra e localiza as suas investigações na Bahia, no Ceará e nos cruzamentos transatlânticos. É formado por André Feitosa, Clara Sampaio, Kleyson Otun Elebogi e Lia Krucken. Ancorado na ancestralidade e na língua como seiva, desenvolve ateliês dialogados e cria intervenções, performances e obras artísticas e literárias. Baseia-se em três forças: natureza, ancestralidade e escrita. As suas práticas desenham-se a partir de três forças que se entrelaçam: a natureza, a ancestralidade e a escrita (em texto, desenho, movimento, imagem, espaço e som), propondo experimentações coletivas que cruzam territórios e temporalidades.

CURADORIA

Clara Sampaio e Lia Krucken

ARTISTAS

André Feitosa, Clara Sampaio,
Kleyson Otun Elebogi e Lia Krucken

PROJETO EDITORIAL E GRÁFICO

Tami Martins (artista convidada) e Lia Krucken

COLABORAÇÃO TÉCNICA

Professor Doutor Marcus Vinicius Santos da Silva
(especialista convidado)

AGRADECIMENTOS

Clarissa Serafim

Jorge Cabrera

Marcus Vinicius Santos da Silva

Tami Martins

Victor Gonçalves

pedra-pássaro, 2025

Instalação

Fotografias impressas em tecido translúcido

(12 peças), fragmento de pedra, maqueta do "livro da pedra"

GABRIELA CARVALHO E CUNHA

A Dragon that Likes To Cry é um photobook que apresenta uma solução temporária para um problema que afeta todos aqueles que vivem nas cidades e se sentem esmagados pela urbanidade: a alienação do corpo e do espírito no contexto urbano e a falta de contacto com a natureza. Muitas vezes, esta carência faz-nos querer abandonar o que nós achamos que é o nosso habitat (a cidade) e, de maneira impulsiva e desesperada, faz-nos desejar um contacto intenso com a natureza, com o objetivo de voltar a um estado primitivo. No entanto, este contacto é apenas transitório e efémero, pois mais tarde vamos enfrentar o mesmo problema. Por isso, este é um livro para ser visto em loop. Nele, são assinaladas as quatro ações desta solução temporária: a deslocação do nosso corpo até ao meio natural; um breve momento antes de o nosso corpo entrar em contacto com a natureza; a imersão total do corpo no universo natural; e, por fim, a saída da natureza.

Gabriela Carvalho e Cunha (Porto, 2004) é uma artista plástica cuja prática multidisciplinar cruza pintura, instalação, fotografia, vídeo e som. Estudante de Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, frequentou também a Universitat de Barcelona no âmbito do programa Erasmus+. Participou em várias exposições coletivas em Portugal e Espanha e integra o coletivo independente riz000ma, dedicado à produção e promoção de projetos artísticos experimentais. O seu trabalho explora a relação entre linguagens digitais e analógicas, materialidade e percepção, criando experiências visuais imersivas que convoram ao diálogo e à reflexão.

A Dragon That Likes To Cry, 2023-2024
Photobook em formato de leporello

EDUARDO MOTA E TIAGO MARTINS

Lampyris pixillum é uma instalação de arte contemporânea que enlaça ecologia, linguagem, tecnologia e percepção sensorial através da projeção animada de pontos luminosos sobre uma parede. Na penumbra, estes «pirilampos» digitais dançam como enxames em torno de pontos focais, num movimento que oscila entre o caos e a intenção, desenhando, paulatinamente, letras na superfície pintada com tinta fotoluminescente.

Como organismos, vivem e interagem com a presença e o movimento dos visitantes, retraindo-se com a aproximação do corpo humano.

Trata-se de uma metáfora audiovisual que recorre a insetos abstratos — partículas de luz — para tornar visível o invisível: os níveis de poluição atmosférica e sonora medidos em Coimbra. Enquanto isso, as letras vão sendo escritas, com nitidez e legibilidade inconstantes, revelando pequenas frases efémeras — citações sobre arte, ecologia e política, de Alberto Carneiro a Donald Trump —, que se sobrepõem e desvanecem ciclicamente.

Da vida e do movimento dos pirilampos, vão ficando as pegadas carregadas de significados, rastos que se vão perdendo com a passagem do tempo, subsistindo nos pontos onde a tinta das paredes foi ativada com maior intensidade. Os traços-fantasmas das citações pintam uma representação espectral da escrita e da memória coletiva. O visitante pode assistir a estes ciclos como se testemunhasse a extinção e o renascimento sucessivos da linguagem.

Lampyris pixillum propõe-se um espaço de contemplação ativa, que reage à qualidade ambiental da cidade, no qual o espectador é, simultaneamente, testemunha e ator. É uma obra poética que se forma e se apaga enquanto acontece.

Eduardo Mota é arquiteto desde 2012, formado pela Universidade de Coimbra (UC). Colaborou com o ateliê RVDM Arquitectos e com Albino, Marta & Cardielos. Regressou à UC, onde completou o mestrado em Design & Multimédia, e onde frequenta atualmente o doutoramento em Arte Contemporânea. É assistente convidado da mesma universidade. Em 2016, fundou o Archigraphics-Studio, onde desenvolve projetos de arquitetura e *design* gráfico, explorando o cruzamento teórico e prático de ambas as disciplinas. Dedica-se igualmente a projetos de arquitetura bioclimática.

Tiago Martins é *designer* e investigador do Laboratório de Design Computacional e Visualização do Centro de Informática e Sistemas da Universidade de Coimbra (UC), e professor auxiliar do Departamento de Engenharia Informática da mesma universidade. É doutorado em Ciências e Tecnologias da Informação pela UC, e mestre e licenciado em Design e Multimédia, também pela mesma instituição. O seu trabalho explora a convergência do *design*, arte visual e ciência da computação com o objetivo de desenvolver sistemas generativos computacionais para a criação de novos artefactos e *designs*.

AGRADECIMENTOS

António José Silva (Ideias Concertadas)
Catarina Maçãs
Daniela Santos
João Bicker

Lampyris pixillum, 2025
Instalação multimédia
Pintura fosforescente sobre parede branca,
projetor de vídeo, colunas de som

HILDA DE PAULO

Nos trabalhos *Em Umas Bandas* (2019–2024), Hilda de Paulo explora a pintura como campo de fricção entre paisagem, corpo e política. A série nasce de um olhar sobre o céu e sobre as alterações atmosféricas, operando um deslocamento entre clima e afeto, natureza e cultura, em diálogo com a teoria da paisagem como forma simbólica. As pinturas condensam memórias e afetos de um corpo travesti e migrante que se reconhece nos escombros, nas ruínas e nas camadas de cor que oscilam entre o apagamento e a resistência. Ao associar essa poética da paisagem à sua experiência autobiográfica, a artista cria imagens que não apenas registam atmosferas, mas tensionam a própria ideia de representação — de quem pode narrar, de quem pode imaginar e de quem tem direito à subjetividade. Na série *Em Umas Bandas*, o gesto pictórico é, ao mesmo tempo, exercício íntimo de pertença e afirmação política: pintar para existir, para reivindicar lugar e para projetar um futuro possível.

A sua produção tem sido reconhecida pela articulação entre o íntimo e o político, pela atenção às memórias trans e travestis e pela capacidade de inscrever uma ética transfeminista nas artes visuais contemporâneas. Entre pintura, performance e escrita, Hilda de Paulo constrói uma obra marcada pelo gesto de «mexer nos móveis da casa do colonizador», abrindo fissuras nos sistemas normativos e propondo territórios afetivos e poéticos de resistência.

Hilda de Paulo (Inhumas, Brasil, 1987) é artista, curadora independente, investigadora e escritora. Desenvolve uma prática artística transfeminista e transdisciplinar que atravessa pintura, escultura, performance, escrita e pedagogia crítica, com foco em dissidências de género, perspetivas decoloniais e pertença. Doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos na Universidade do Porto, é autora do projeto *Arquivo Gis* e membro fundador da Cia. Excessos e da eRevista *Performatus*. Realizou exposições individuais em Portugal e no Brasil e participou em exposições coletivas em instituições como Akureyri Art Museum (Islândia), Fundação de Serralves e Bienal de Cerveira (Portugal), Pinacoteca do Ceará e MAM Rio (Brasil). As suas obras integram acervos de museus no Brasil, Portugal e Islândia. Como curadora, programadora e conferencista, tem atuado em espaços como MASP, Sesc Pompeia, Queer Lisboa e Queer Porto, além de ter participado em residências artísticas no Brasil, Portugal e Islândia.

AGRADECIMENTOS

Suzana Queiroga

Tales Frey

Em Umas Bandas (Dia) [série], 2020-2024

Em Umas Bandas (Noite) [série], 2020-2024

Em Umas Bandas (Dia e Noite), 2019

Acrílicos sobre tela

INVERSO (SONIA SALCEDO E NENO DEL CASTILLO)

«Onilé, Terra-Mãe» é um tributo à natureza, à vida e ao meio ambiente. A instalação propõe um diálogo com culturas originárias, nas quais o respeito pela natureza é estrutural. Para povos indígenas e quilombolas, a terra é um mito fundador, princípio de existência e reverênciа.

A partir do processo sincrético colonial brasileiro, o candomblé cultua Onilé como Senhora da Terra — entidade associada ao chão, ao *habitat* comum a todos os seres. Onilé é princípio, meio e fim, é o ciclo de vida e morte.

Heidegger aponta para que na relação do homem com o espaço se manifesta a experiência do pertencer — ser homem é, assim, «demorar-se sobre a terra».

A proposta articula-se nesses fundamentos culturais e filosóficos, em direção a uma conduta ética que transcende o antropocentrismo e o ecocentrismo, aproximando-se do «Pensar como uma montanha», de Aldo Leopold.

Enquanto espaço-temporalidade construída e imaginada, a instalação explora formas de plasticidade que unem ambientação e ação, tomando a terra — e tudo o que nela habita — como referência poética e material.

A galeria será transformada em abrigo: ativado por ações performativas realizadas pelos artistas.

O Coletivo Inverso surgiu a partir de uma série de trabalhos individuais e coletivos realizados por Neno del Castillo e Sonia Salcedo, a partir do final da década de 1990. Já naquele período, mesmo sem uma reflexão prévia, essas criações lançavam questionamentos acerca do espaço, do tempo e da memória. Por meio de recursos formais e conceituais, os artistas exploravam a interface entre a visualidade e a cena, desenvolvendo obras que dialogavam com as noções de museu e monumento.

Sonia Salcedo — Curadora, artista e investigadora, é pós-doutorada pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra e doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi curadora do CeAV/Funarte e é atualmente docente na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (Rio de Janeiro). Assinou e participou em diversas exposições no Brasil e no exterior, destacando-se pela sua atuação no campo da poesia expandida, que explora o objeto, a fotografia, a videoarte, as instalações e a performance. É autora de vários textos e dos livros *Cenário da Arquitetura da Arte*, *Arte de Expor* e *Da Visualidade à Cena*.

Neno del Castillo — Artista, curador e doutor em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenou o setor de Artes Plásticas da Funarte. Participou de diversas mostras de videoarte e performances, tem obras integradas na coleção do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ). Foi autor da capa da revista *LÁPIZ* n.º 221. Apresentou trabalhos em instituições e galerias como A Gentil Carioca (Rio de Janeiro), Galeria Nara Roesler (São Paulo), Paço Imperial (Rio de Janeiro), Caelum Gallery (Nova Iorque), Centro Cultural São Paulo, Museum of Installation (Londres) e Johnny The Second (Colónia). Participou ainda do Festival du Film sur l'Art, em Lausanne, e editou livros de artista e desenhos no Studio T, em Nova Iorque.

AGRADECIMENTOS

CAPC e equipa
Cláudia Cid
Daniel Furtado
Felipe Barbosa
Flávia Vieira
Juliana Marcondes
Marcelo Moscheta
Paoletti Avellar
Thaís Chaplin

Onilé, 2025
Instalação
Técnica mista

NUNO SILAS

«KUPALHA — Construir a ideia de corpo no presente» é uma instalação sonora que investiga o corpo como lugar de consciência, memória e pertença. Através da articulação de voz, som e palavra falada, ativa uma escuta profunda onde o corpo é pensado como montanha — marcado por camadas, silêncios e cicatrizes. A instalação combina performance vocal gravada, língua portuguesa e changana, sons corporais e ambientes, distribuídos por 10 peneiras de palha com colunas integradas. «KUPALHA» convida o público a uma experiência sensorial, íntima e meditativa, onde o som se torna vestígio e o espaço, uma paisagem viva de memórias e afetos em trânsito. «KUPALHA — Construir a ideia de corpo no presente» é uma instalação sonora que se desdobra a partir de uma performance vocal e da articulação entre som, palavra falada e escuta sensível. O projeto parte da ideia do corpo como território de memória e transformação, atravessado por camadas de linguagem, silêncios e experiências históricas. A palavra Kupalha, de origem changana, significa recomeçar, transformar, respirar — e inspira uma reflexão sobre o corpo enquanto espaço de pertença, escuta e resistência.

Nuno Silas é artista, diretor artístico e investigador multidisciplinar, cujo trabalho se centra na prática da instalação artística, performance, vídeo e pesquisa curatorial sobre a história das coleções museológicas. É licenciado pela Escola Superior de Artes e Design (Instituto Politécnico de Leiria, Caldas da Rainha) e frequentou o mestrado em Artes Verbais e Visuais Africanas na Universidade de Bayreuth (UB). É doutorando em História e Filosofia da Ciência, com especialização em Museologia, na Universidade de Évora. Colaborou com instituições de renome, tais como o Humboldt Forum, Iwalewahaus Bayreuth, Haus der Kulturen der Welt em Berlim, EGEAC, CCFMA e Goethe Maputo. Na UB, colaborou com projetos de investigação financiados pela DFG, tais como «"Black Atlantic Revisited" — African and South American UNESCO — World Heritage Sites and "Shadowed Spaces" of Performative Memory» e «Multiple Artworks — Multiple Indian Ocean». Foi cocurador e diretor artístico do projeto «Black Skin, White Masks: The Black Body in Presence» nas Galerias Municipais (EGEAC, Lisboa) e curador do projeto expositivo «Olhares Críticos sobre o Arquivo: Sombras e Memórias» no Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC), em colaboração com o Plano Nacional das Artes (PNA), o Instituto Paulo Freire de Berlim e o Instituto Goethe de Lisboa.

KUPALHA — Construir a ideia de corpo no presente, 2025
Instalação sonora multicanal

PEDRO GRAMAXO

Alinhada com a série *Cronoesculturas* do artista, esta obra estabelece uma relação mais próxima com a investigação do artista por pedreiras portuguesas, classificadas como espaços de descaracterização da natureza, neste caso a pedreira de Alvorge (Leiria) e o constante desaparecimento da sua topografia natural.

A instalação proposta, composta por uma imagética topográfica vinilada na parede e por uma estrutura em perfis galvanizados, recria uma toponímia perdida de onde são diariamente extraídos os recursos naturais para a indústria da construção — britas, pedras e demais substratos cimentícios.

A topografia imaginária em «curvas de nível» de representação paisagística serve de fundo para um «expositor» de variadas pedras e amostras recolhidas pelo artista e serigrafadas com pormenores construtivos convencionalmente utilizados para a construção com esses mesmos materiais.

Pedro Gramaxo (1989) é um artista multidisciplinar *land-based* que trabalha em arte construtiva, instalação e fotografia, analisando e aprofundando a nossa relação com o espaço, o tempo, a memória, os recursos naturais e estados alterados de percepção. O seu trabalho tem sido apresentado internacionalmente em exposições individuais, coletivas, residências e espaços públicos desde 2012: da Itália à Holanda, Bósnia-Herzegovina, Brasil, China, Rússia, Argentina, Coreia do Sul, Estados Unidos, Roménia e Islândia. É licenciado em Arquitetura pela Universidade Lusíada de Lisboa (2010), com mestrado em Arquitetura e Artes (2012). Das suas exposições, destacam-se: *Ailleurs*, Galeria PLATO (Évora, 2024), *Flatlands*, CICA Museum (Seul, 2024), *Beyond Architecture*, Casa da Arquitectura, Matosinhos (Porto, 2023), *Assorted Landscapes*, Cleve Carney Museum (Chicago, 2022).

AGRADECIMENTOS

Carlos Vicente
FICA
3LM

Topografia psicossomática [série *Cronoesculturas*], 2025
Instalação
Pedras diversas serigrafadas,
montantes galvanizados, vinil

HORÁRIO
Terça a sábado,
14h00 às 18h00
Encerrado nos feriados.

ORGANIZAÇÃO
CAPC — Círculo de Artes
Plásticas de Coimbra

ARTISTAS
Ana Frois
Catarina de Oliveira
Coletivo Esfinge Ancestral
Eduardo Mota e Tiago Martins
Gabriela Carvalho e Cunha
Hilda de Paulo
Inverso (Sonia Salcedo
e Neno del Castillo)
Nuno Silas
Pedro Gramaxo

CURADORIA
Sara Antónia Matos

**COORDENAÇÃO
DE PRODUÇÃO**
Daniel Madeira
Lisiane Mutti

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Daniel Alves da Silva
Fernando Oliveira

ASSISTÊNCIA À PRODUÇÃO
Ivone Antunes

COMUNICAÇÃO
Isabel Campante

**ASSISTÊNCIA
À COMUNICAÇÃO**
Daniel Alves da Silva
Fernando Oliveira

MONTAGEM
Jorge das Neves
(coordenação)
Marco Graça
Fernando Oliveira

DESIGN GRÁFICO
João Bicker
Joana Monteiro

TEXTO
Sara Antónia Matos,
Désirée Pedro
Lisiane Mutti

REVISÃO
Carina Correia

**COORDENAÇÃO DO
PROGRAMA EDUCATIVO**
Jorge Cabrera

APOIOS INSTITUCIONAIS



**Círculo de Artes
Plásticas de Coimbra**

DIREÇÃO
Carlos Antunes
Désirée Pedro
Valdemar Santos
Pedro Pousada
Ana Felino

ASSEMBLEIA GERAL
António Olaio
Lúisa Lopes
Manuela Azevedo

CONSELHO FISCAL
João Bicker
Ivone Antunes

CONSELHO ARTÍSTICO
Joana Monteiro
Pedro Pousada

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
Daniel Madeira

DIREÇÃO FINANCEIRA
Rafael Vaz André | Abilis

**COORDENAÇÃO
ADMINISTRATIVA
E FINANCEIRA**
Lisiane Mutti

FOTOGRAFIA
Jorge das Neves

CÍRCULO SEDE
Rua Castro Matoso, 18
3000-104 Coimbra

CÍRCULO SEREIA
Casa Municipal da
Cultura, piso -1
Parque de Santa Cruz,
Jardim da Sereia
3000-401 Coimbra

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO
Terça a sábado,
14h00 às 18h00

MUSEU
Av. João das Regras, 28
Praça Cortes de Coimbra
24 horas, todos os dias.

CONTACTOS
+351 910 787 255
geral@capc.com.pt